

“NINGUÉM MATOU SUHURA”: VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM MOÇAMBIQUE COLONIAL E MEMÓRIA TESTEMUNHAL NA OBRA DE LÍLIA MOMPLÉ

Palavras-Chave: VIOLÊNCIA-DE-GÊNERO, LITERATURA-AFRICANA, COLONIALISMO.

Autoras:

Ana Júlia dos Santos, IFCH – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Lucilene Reginaldo (orientadora), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa objetiva-se a investigar a violência de gênero atravessada e produzida pelo colonialismo em Moçambique, especialmente na segunda metade do século XX, à luz da escrita de Lília Momplé em seu conto “Ninguém matou Suhura”. Ao mesmo tempo, busca-se trabalhar os escritos da autora em sua potencialidade como fazer histórico, a partir da compreensão de que sua obra disputa um lugar entre as narrativas construídas sobre a história de Moçambique colonial. Nesse sentido, a pesquisa transita entre duas temporalidades: a de ambientação da história (1970) e a de concepção da obra (publicada em 1988). Desta forma, é possível avaliar a criação das personagens como imagens metafóricas para o contexto de Moçambique, bem como compreender de que forma Momplé tensiona a categoria de gênero para explorar questões ainda mais amplas sobre seu país, sua história e o contexto no qual se inseria.

METODOLOGIA:

A metodologia de análise do texto, seus significados e conexões foi desenvolvida em três partes:

- 1) Para compreender as nuances e referências trazidas por Momplé no conto “Ninguém matou Suhura”, foi realizado um levantamento de fontes produzidas à mesma época, bem como de bibliografia que ajudasse a compreender o contexto histórico de Moçambique entre as décadas de 1960 e 1970;
- 2) Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o contexto político moçambicano à época da concepção e publicação da obra, em especial sobre as Operação Limpeza e Operação Produção, de forma a interpretar o cenário de disputas por narrativas sobre o país que recém se formava;

- 3) Foram realizadas revisões bibliográficas de caráter teórico-metodológico que permitissem: a) a utilização da categoria de gênero como dispositivo de análise e; b) a abordagem da Literatura na sua potencialidade de fazer histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A escolha de abordar o texto de Lília Momplé como uma possibilidade de fazer histórico se mostrou extremamente proveitosa para compreender o texto em duas temporalidades. Tal qual apontado por Walter Benjamin em uma de suas “Teses sobre o conceito de história”, presente e passado se unem na articulação histórica dos acontecimentos segundo a ideia de que este movimento “Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 2012, p.224). Ou seja, são as questões do presente que impulsionam os questionamentos sobre o passado. Nesse sentido, entende-se que o trabalho de Lília Momplé se trata de um movimento de escrita do passado profundamente influenciado pelo contexto em que a autora se encontrava no momento de concepção da obra.

Assumir, contudo, uma obra literária como uma forma de escrita da história exige determinar em que medida esta aproximação se dá entre dois campos distintos. Num primeiro momento, compreende-se que a História se aproxima da Literatura na medida em que os fatos não são dados ao historiador numa lógica pronta, mas que a própria escrita do historiador se dá na reorganização dos fatos, supressão de alguns e escolha de outros, descrição das personagens envolvidas, etc. (WHITE, 1994). Semelhante aproximação se concretiza quando a Literatura é lida como uma reinterpretação dos fatos experienciados pelo autor de uma obra, que a escreve de forma a reorganizar os fatos em uma ordem, escolher destacar alguns e dar menos atenção a outros, escolher personagens e cenários que representem metáforas sobre a realidade, etc (PENVENNE & SITOIE 2000; CHALHOUB, 2003). “Ninguém matou Suhura” é, então, a reinterpretação de Momplé acerca dos acontecimentos do passado em Moçambique colonial às luzes de Moçambique independente no presente de sua autora.

Nesta perspectiva, avança-se para a relação mútua entre o tempo da obra e o tempo da escrita. A história se desenrola no ano de 1970 e, portanto, conversa com o contexto desta época, qual seja: a Guerra de Independência de Moçambique. O clima de inevitabilidade da mudança e do enfraquecimento do domínio colonial experienciados com o acirramento da Guerra de Independência (ACTUALIDADES: UMA REVISTA DE MOÇAMBIQUE, 1967; A TRIBUNA, 1967; MONTEIRO, 2016) são congregados pela autora na figura enfurecida do Senhor Administrador, que busca a reafirmação do seu poder frente aos desafios de sua autoridade. É especialmente a partir das experiências das mulheres que a ordem é contestada, seja na figura da esposa e da filha do Administrador, seja na figura das mulheres moçambicanas, foco principal deste trabalho. A simples existência de mulheres trabalhadoras no cenário urbano contraria a ordem colonial proposta, que indicava o trabalho feminino como rural e subserviente à terra de um homem (PENVENNE, 1997; 2015). É a história de Suhura, contudo, que eleva esta contestação.

A última das três partes do conto narra o encontro forçado entre o Senhor Administrador e Suhura, uma menina moçambicana de 15 anos. O estupro é a incorporação da dominação absoluta, representa a perda da agência sobre seu próprio corpo, escolhas e pensamentos, tornando-se claro que atua, nesta história, como metáfora para a dominação colonial. Ao mesmo tempo, Suhura é a metáfora do povo moçambicano que, mesmo dominado, resiste. Sua batalha até a morte com o Senhor Administrador é a imagem de um povo que resiste, independente das consequências (O COMBATENTE, 1967). Tão trágica quanto sua morte, é o silenciamento provocado pela fala do sipaio e que dá nome ao livro: “Ninguém matou Suhura. Compreende?” (MOMPLÉ, 1988, p.72). Num primeiro momento, entende-se esta obrigação do silêncio como parte da violência colonial, mas a análise acerca do contexto de produção e publicação da obra permite expandir a interpretação para a ideia de que Momplé critica toda a atitude de silenciamento, incluindo as políticas de perseguição vigentes no país na década que seguiu a independência (BORGES COELHO, 2003; THOMAZ, 2008).

O olhar atento a esse contexto permite localizar a obra de Lília Momplé como uma disputa pela memória acerca do país que se formava. As políticas oficiais da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), chamadas de Operação Limpeza e Operação Produção, envolviam campanhas de repressão a toda e qualquer atitude que fosse arbitrariamente lida como enfraquecedora do projeto de libertação nacional, consideradas como alinhadas à antiga ordem colonial (CABRITA, 2000; MACHAVA, 2018; THOMAZ, 2019). Além de denunciar o silêncio e a perseguição, o conto de Momplé desafia a visão idealista do chamado “Homem Novo” moçambicano (CASSALHO, 2020), e também do ideal de mulher combatente (THE MOZAMBICAN WOMAN, 1969). A existência de personagens complexos, que muitas vezes compactuam com o regime colonial na figura do Senhor Administrador, revela um povo real, afastado do idealismo, e cujas nuances contrariam o maniqueísmo proposto pela narrativa oficial da FRELIMO (BORGES COELHO, 2019).

Ademais, nota-se que todas as análises feitas sobre a obra partem de personagens femininas ou das relações estabelecidas com e a partir delas, revelando a capacidade de Momplé de articular uma série de questionamentos sobre a sociedade em que vive através do olhar e da experiência de mulheres. Não se trata de escrever apenas *sobre* mulheres, mas *a partir* delas. Deste modo, esta pesquisa compreende que, além de enriquecer o olhar sobre a sociedade moçambicana com a inserção da perspectiva feminina, a obra revela a noção de que a violência marcada pelo gênero é inseparável da violência colonial, ao mesmo tempo em que há violências que somente podem ser construídas a partir do gênero (COLE *et al*, 2007; JACOBSON, 1999).

CONCLUSÕES:

Ao final desta investigação, fica claro que “Ninguém matou Suhura” é muito mais do que uma obra de ficção. Assumindo a Literatura como uma possibilidade do fazer histórico, compreende-se que a obra realiza seu propósito em disputar a memória histórica de Moçambique. Em última instância, é desta possibilidade histórica da narrativa que pode emergir a análise entre duas temporalidades, quais sejam: o tempo da história (1970) e o tempo da escrita (1988), revelando a intenção de Momplé em

disputar uma memória que combata tanto os silenciamentos provocados pelo colonialismo, quanto aqueles experienciados no caminho após a independência. Ademais, é a singularidade da autora em utilizar as vozes das mulheres que eleva a obra, construindo uma reinterpretação da própria história a partir da experiência feminina. A violência de gênero não é um tema secundário, mas a própria linguagem através da qual a dominação colonial e os paradoxos da libertação são expressos, complexificando ainda mais a análise sobre o país e os períodos analisados, adicionando uma camada essencial à compreensão de sua História.

BIBLIOGRAFIA

Livros, artigos, textos

BENJAMIN, Walter. "Teses sobre o conceito de História" In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORGES COELHO, João Paulo. Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas. *Lusotopie*, v. 10, n. 1, p. 175-193, 2003.

_____. Política e História Contemporânea em Moçambique: dez notas epistemológicas. *Revista de História*, n. 178, p. 1-19, 2019.

CABRITA, João. *Mozambique: The tortuous road to democracy*. PALGRAVE, 2000.

CASSALHO, João de Regina Máris dos Santos e. *A Produção do Lugar em Inhassune (Sul de Moçambique): memória, trabalho compulsório e políticas do tempo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador: um ensaio sobre o Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COLE, Catherine M.; MANUH, Takyiwaa; MIESCHER, Stephan F. (Org.). *Gender and sexuality in African studies: Gender after Africa*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

JACOBSON, Ruth. "Complicating 'Complexity': Integrating Gender into the Analysis of the Mozambican Conflict." *Third World Quarterly* 20, no. 1 (1999): 175–87.

MACHAVA, Benedito. *The morality of revolution: urban cleanup campaigns, reeducation camps, and citizenship in Socialist Mozambique (1974-1988)*. 2018. Tese de Doutorado. University of Michigan.

MOMPLÉ, Lília. *Ninguém matou Suhura*. Maputo: 1ª Ed. Associação dos Escritores Moçambicanos. 1988.

MONTEIRO, José Pedro. As dinâmicas internacionais do "reformismo imperial" português: o caso da transformação das políticas de trabalho nativo (1961-1962). In: XAVIER, Angela Barreto & SILVA, Cristina Nogueira (orgs.). *O Governo dos Outros: Poder e Diferença no Império Português*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016, p. 205-233.

PENVENNE, Jeanne Marie; SITO, Bento. Power, poets and the people: Mozambican voices interpreting history, 2000. *Social Dynamics*, 26:2, 55-86, DOI: 10.1080/02533950008458695

PENVENNE, Jeanne Marie. *Women, Migration, and the Cashew Economy in Southern Mozambique, 1945–1975*. James Currey. 2015

_____. Seeking the factory for women: Mozambican urbanization in the later colonial era. *Journal of Urban History*, v. 23, n. 3, p. [342-379], 1997

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono’: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista”. In: *Revista de Antropologia*. Vol. 51, nº 1, (janeiro-junho 2008), pp. 177-214

_____. O tempo e o medo: ensaios de antropologia política no sul de Moçambique. Tese de Livre-docência apresentada no Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2019.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 97-126.

Jornais, periódicos, brochuras

ACTUALIDADES: UMA REVISTA DE MOÇAMBIQUE. Lourenço Marques: Edições Zurc, Lda. n.12, jan. 1967. Disponível em: <https://expoimprensacolonial.fcsh.unl.pt/moc.html#a_voz_de_mocambique> Acesso em: 5 fev. 2025.

_____. Lourenço Marques: Edições Zurc, Lda. n.13, fev. 1967. Disponível em: <https://expoimprensacolonial.fcsh.unl.pt/moc.html#a_voz_de_mocambique> Acesso em: 5 fev. 2025.

A TRIBUNA. Lourenço Marques: Sociedade de Imprensa de Moçambique, S.A.R.L. n.1370, 20 jun. 1967. Disponível em: <https://expoimprensacolonial.fcsh.unl.pt/moc.html#a_voz_de_mocambique> Acesso em: 11 fev. 2025.

O COMBATENTE. Moçambique: Órgão Oficial do COREMO - Comité Revolucionário de Moçambique. Vol.1, n.3, out. 1967. Disponível em: <<https://ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/index.php/o-combatente>> Acesso em: 15 fev. 2025

THE MOZAMBIKAN WOMAN IN THE REVOLUTION. Moçambique: FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique. 1969. Disponível em: <<https://ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/index.php/mozambican-woman-in-revolution>> Acesso em: 20 fev. 2025.